

# L'ISCRIZIONE ESPOSTA

Atti  
del Convegno Borghesi 2015

*a cura di*  
ANGELA DONATI

Faenza 2016  
ISBN 978-88-7594-123-9

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO\*

A INSCRIÇÃO EXPOSTA  
NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ODRINHAS  
(SINTRA - PORTUGAL)

Como adequar-se ao tema tão engenhosamente proposto por Angela Donati para este Colóquio? Não se trata de falar de museus, onde é habitual apresentarem-se as inscrições; na verdade, em 1983, dedicou-se ao «museu epigráfico» todo um colóquio, de que resultou um excelente volume de actas (1). Por outro lado, que inscrição se não preparou para ser lida e, conseqüentemente, exposta? Mesmo as que se pensavam reservadas às divindades infernais tinham de lhes ser expostas – para que as lessem!...

Quando me chegou o convite para participar neste Colóquio, o célebre cantor Brian Adams (que viveu em Cascais boa parte da sua juventude) acabara de inaugurar uma exposição no Centro Cultural local, a que dera o título «Brian Adams exposed», uma mostra que ilustrou, a meu ver, dois dos aspectos fundamentais comuns à exposição epigráfica: a exaltação da pessoa ou da Natureza (a beleza!) e ser também o veículo de uma mensagem. E, na circunstância, para Brian Adams, a apresentação de fotografias de algumas divas da canção e do cinema não terá sido mais do que mero pretexto para mostrar algumas outras, que a ninguém deixaram indiferentes: a de mutilados de guerra!

Esses dois poderão ter sido também os objectivos da inscrição na época romana: transmitir uma mensagem estética e uma mensagem político-social, concomitante, aliás, com a bem conhecida frase do Evangelho:

*Neque accendunt lucernam et ponunt eam sub modio sed super candelabrum ut luceat omnibus qui in domo sunt (Mateus, 5, 15).*

---

\* Professor catedrático aposentado da Universidade de Coimbra.

(1) *Il Museo Epigrafico*, Faenza 1984. [Recensão in «Conimbriga», 14, 1985, pp. 239-240].

E se, para ilustrar este tema, me propus falar do percurso epigráfico do Museu de Odrinhas, outro objectivo tive em mente: homenagear o mentor dos Colóquios Borghesi, o sempre presente Professor Giancarlo Susini, que se emocionou aquando da inauguração desse museu, a 11 de Setembro de 1999, e sobre ele viria a escrever o seu derradeiro artigo, que foi publicado, por singular coincidência, ao lado da notícia do seu falecimento (2).

Vivemos, efectivamente, num mundo de inscrições publicamente expostas, para serem lidas, para transmitirem uma mensagem: os ternos ou estereotipados epitáfios dos cemitérios; as placas votivas que se afixam nas paredes de uma capela de particular devoção dos crentes ou no sopé da estátua do taumaturgo, a agradecer as graças concedidas; as placas toponímicas, por vezes bilingues, a fim de se perpetuarem identidades... E algumas dessas epígrafes, porque mais significativas, guardam-se e expõem-se em museus – para que sejam preservadas e divulgadas, para estimular a curiosidade e o sentido da história e, conseqüentemente, também para despertarem a vontade de mais vir a saber-se acerca do motivo por que foram assim lavradas.

### 1. *Um museu epigráfico*

Estranhar-se-á, à primeira vista, que tenha havido a preocupação de fazer um museu cujo recheio fosse constituído essencialmente por epígrafes. A razão reside no facto de a região em que ele está implantado ser abundante em pedra – há pedreiras perto que os Romanos exploraram... – e na circunstância de, desde há muito, por ali se terem encontrado inscrições romanas que importava preservar.

Essa, aliás, a primeira imagem que se guarda quando nos aproximamos de Odrinhas e que Giancarlo Susini tão bem soube descrever logo no início do seu artigo:

«Pietre, tante pietre, d'ogni forma: spuntano nei campi e tra i cespugli, servono a costruire muretti ormai millenari tra campo e campo, tra una coltura e l'altra».

---

(2) *A Sintra tra i «libri» scolpiti dai nostri avi*, «Il Resto del Carlino», 24 de Outubro de 2000, p. 24. Tive ocasião de fazer a tradução desse depoimento para português: *Em Sintra, entre os «livros» esculpidos pelos nossos avós*, «Al-madan», 10 (Dezembro 2001), pp. 210-211.

Por isso, o Mestre acrescentou, a fim de melhor se compreender o enquadramento geográfico: tudo isso se passa à beira do «Atlantico, dal quale tra le pietre soffiano gli zefiri più fragranti e impetuosi».

Por tal motivo,

«si è aperto un grande museo, tutto dedicato alle pietre che recano antiche scritture, che si leggevano quindi in antico, ai loro tempi, e si leggono, cioè s'interpretano oggi: è il museo della comunicazione antica».

## 2. *Os antecedentes*

Região agricolamente fértil, foi desde muito cedo habitada pelos Romanos, que, dada a abundância de pedra fácil de trabalhar – e não poucos terão sido os canteiros que a esse labor se dedicaram – não hesitaram em encomendar epitáfios para lembrar os entes queridos e ex-votos para honrar as divindades de sua devoção.

Em Odrinhas se inaugurou, por consequência, a 13 de Junho de 1955, o primeiro museu português expressamente dedicado à Epigrafia. De uma casa se fez partir uma galeria aberta, em semicírculo (Fig. 1), que abrigou desde logo os monumentos de maiores dimensões e menos susceptíveis de sofrer eventuais efeitos da erosão.

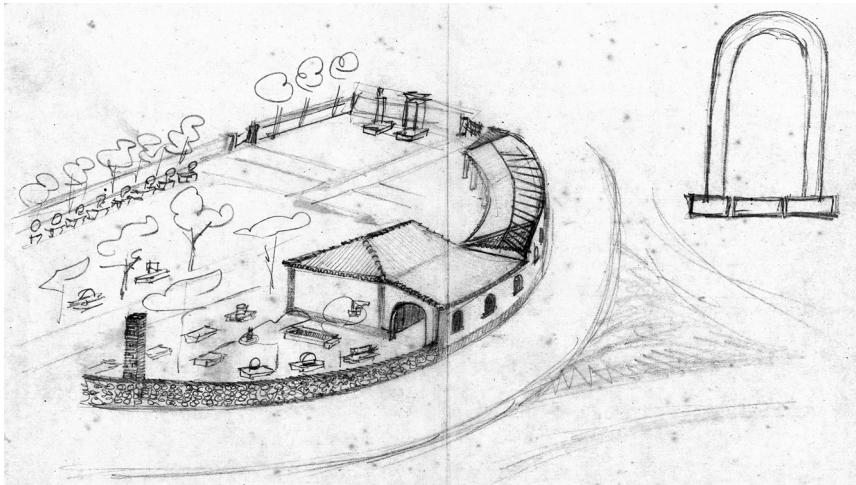


Fig. 1.



Fig. 2.

Durante muitos anos, esse museu serviu; contudo, a riqueza do seu acervo epigráfico e o raro simbolismo das pedras que guardava justificavam que – até pelas memórias que foi acumulando ao longo dos anos e pelo carinho que a população lhe dedicava – algo de inovador ali se erguesse (3).

Podemos dizer que duas foram as ideias-mestras do projecto: uma exposição condigna e uma integração ambiental cativante.

O projecto foi entregue ao arquitecto luxemburguês Léon Krier, um dos vultos mais significativos do chamado *New Urbanism* e da *New Classical Architecture*, que, mui entusiasticamente, agregou a si dois arquitectos de Lisboa, Alberto Castro Nunes e António Maria Braga, também eles «active campaigners for traditional building», para usar a expressão com que a revista *Architecture Today* mui elogiosamente se referiu ao empreendimento, saudando a emergência de um «local lobby» «determined to arrest the spread of undifferentiated sprawl between town and country» (4).

Na verdade, a primeira grande preocupação foi precisamente a de se adaptar todo o complexo museológico às características da arquitectura dita «salóia» da região: casas de um só piso, caiadas de branco, com arestas pintadas a azul ou ocre (Fig. 2), de que resultou um conjunto deveras notável e digno do maior

(3) Cf. J. C. RIBEIRO, *Antecedentes do novo Complexo Museológico de Odrinhas*, jornal «A Pena» [Sintra], 27-02-1997, pp. 14-15, 06-03-1997, pp. 18-19, 20-03-1997, pp. 18-19.

(4) «Architecture Today», 73, November 1996. Apresentando-se como «the monthly magazine presenting the most important projects in the UK and the rest of Europe», *Architecture Today* considera que «the archaeological museum of Odrinhas is one of the most significant built works in which Krier has had a direct hand». Aliás, a redacção da revista não hesitou em chamar para a capa a referência a esta iniciativa, atendendo às suas características excepcionais no panorama da arquitectura museológica.

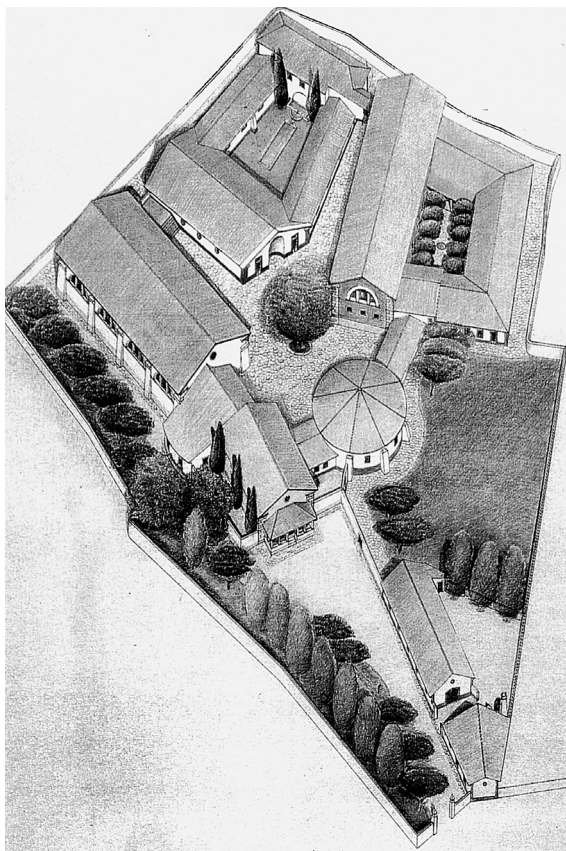


Fig. 3.

encómio (Fig. 3 e 4), mormente se pensarmos que a inspiração da arquitectura romana esteve sempre presente e bem visível nos pormenores do traçado, quer na fachada quer, de modo especial, na amplidão escolhida para a sala principal, à maneira das basílicas romanas.



Fig. 4.

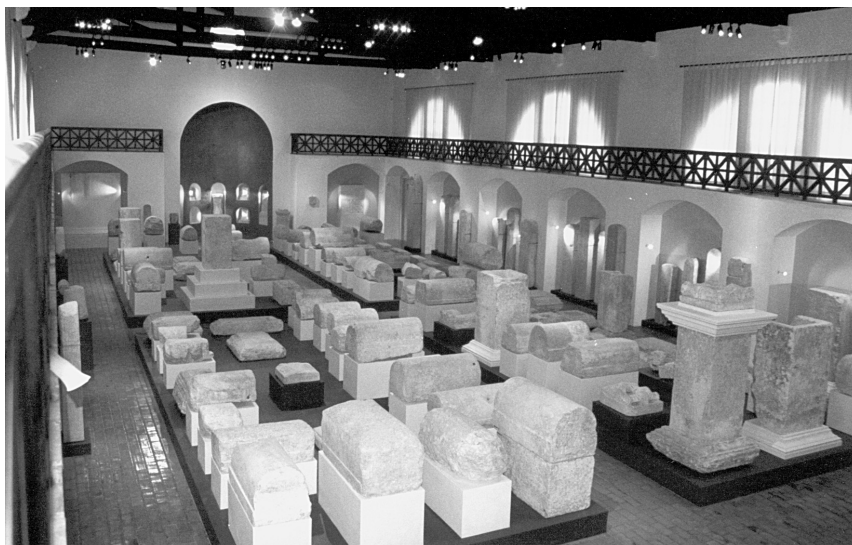


Fig. 5.

### 3. O percurso museológico

A antecâmara simula um ambiente funerário, escassamente iluminado, propício à meditação. Nele se mostram dois túmulos etruscos epigrafados. É como que a preparação para, aberta a porta, o olhar ficar deslumbrado com a vastidão das epígrafes dispostas em ampla basílica, segundo dois eixos, como se do *cardo* e do *decumanus* se tratasse, para dar também a ideia de como os sepulcros romanos se dispunham ao longo das vias (Fig. 5). Ao fundo, quase como lugar sagrado, a absíde, em cujos nichos se puseram as ávulas votivas. Um corredor ao longo das paredes e a um nível superior permite admirar de ângulos diversificados este «livro de pedra»...

Passa-se de seguida, naturalmente, sob um lintel epigrafado, para o mundo paleocristão e, daí, para uma das salas também ela verdadeiramente significativa pelo nome que ostenta: CRONOS DEVORATOR. Estranha-se a designação, mas cedo se compreende, porque ali se mostra como o tempo acaba por devorar intenções e, até, por as substituir por outras, menosprezando – por ignorância ou propositadamente – o que lhe fora legado. É a sala onde vemos, por exemplo, como o sarcófago se transformou em salgadeira



para guardar, Inverno afora, as carnes que se haviam salgado após a matança do porco...

E que me seja permitido exemplificar com a história da identificação de uma das epígrafes, que José Cardim Ribeiro e eu acabaríamos depois por estudar. (5) Telefonam-me de Coimbra a dizer que devo comprar o número de uma revista sobre a casa e o campo dessa semana, (6) porque certamente me iria interessar. Comprei-a e só à terceira vez em que a folhiei me apercebi da razão porque a antiga aluna me chamara a atenção: na reportagem sobre a casa de um conhecido fadista, mostrava-se a fotografia de uma floreira, em cuja face estava... uma inscrição romana! Investigação feita levou-nos facilmente a concluir que se tratava da epígrafe publicada por Emílio Hübner (*CIL* II 322), transmitida, porém, ao longo dos anos, de forma tão estropiada, que os celtistas de finais do século XX não hesitaram em tecer as mais amplas considerações sobre a etimologia de um verosímil antropónimo *Arciania*, que nada mais era do que *MARCIANI AN(norum)*, isto é, o genitivo do *cognomen* *Marcianus*, seguido da menção da idade com que falecera!... Escusado será dizer que se entabularam negociações para que o monumento fosse recolhido ao museu e lá está, como um bom exemplo de como o *Cronos* ainda na actualidade é... *devorator!*

A sala seguinte apresenta-se como um corredor ascendente, com lápides de um lado e doutro: é a passagem pela Idade Média, a desembocar na sala que mostra as epígrafes dos séculos posteriores, a terminar no espaço dedicado aos marcos delimitativos, *fines*, que é igualmente o *finis* do percurso, onde, no entanto, em mui adequada visão didáctica, se dá uma sugestão de oficina lapidária, com mostruário dos diversos tipos de material que poderiam receber uma epígrafe.

#### 4. A investigação

O Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas assume-se como local propício à investigação sobre Epigrafia e sobre História

---

(5) J. D'ENCARNAÇÃO e J. C. RIBEIRO, *Divagações linguísticas em torno dum epitáfio romano reencontrado*, «Humanitas», 50(1), 1998, pp. 189-197 [acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/25289>].

(6) Tratava-se do n. 1 (Maio 1997) da revista «Nova Gente - Casa & Campo».

Antiga. Daí que – aliciados pelo letreiro, gravado à maneira romana, que diz *ORA · LEGE · LEGE · LEGE · RELEGE / LABORA · ET · INVENIES* – sejamos convidados a entrar na biblioteca, que, pela enorme persistência e saber de José Cardim Ribeiro, foi sendo enriquecida com mui valioso acervo bibliográfico antigo.

Obras raríssimas ali se guardam; estampas em que os aficionados pelas coisas romanas em séculos passados gravaram epígrafes colecionadas por antiquários... Um espólio da maior valia, a que, hoje, amiúde – apesar das digitalizações disponíveis na Internet... – há que lançar mão para se resolverem dúvidas, quer em relação a epígrafes já perdidas quer, mesmo, em relação às existentes, para melhor conhecermos a sua história.

Assim, vemos num quadro o magnífico sarcófago de *Cornelius Lucius Scipio Barbatus*, de Roma (CIL VI, 1284 e 1285), tendo à sua volta dezenas de epígrafes, pertencentes, decerto, à colecção de um ilustre romano, uma vez que se mostram no jardim interior de um palácio, rodeadas de alguma cenografia, pois há um grupo de pessoas que parece estar, admiradamente, a falar das epígrafes, enquanto, de uma janela, outra observa o cenário... (Fig. 6). E

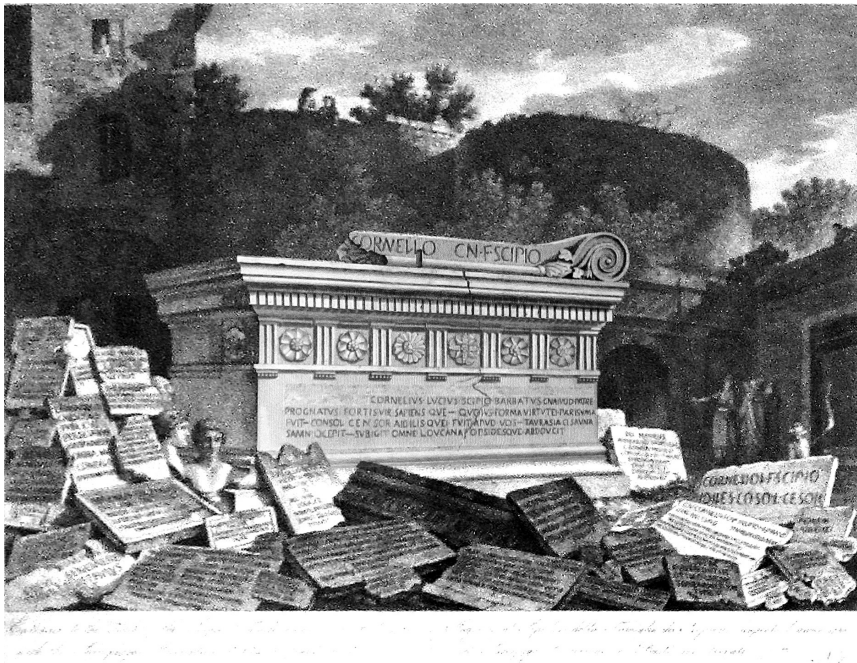


Fig. 6.

naqueloutra estampa, como que a retratar a dependência de um palácio repleto de pedras inscritas, distingue-se claramente o texto

HOC MONIMENTVM  
 APPARITORVM PRAECONVM  
 AEDILIVM VETERVM  
 VICARIVM EST  
 ET POSTERISQVE EORVM

que consta de *CIL* VI, 1946, também de Roma.

E se das estampas passarmos aos livros, bastem-nos duas referências: *Inscriptiones sacrosantae vetustatis non illae quidem romanae, sed totius fere orbis summo studio ac maximis impensis...*, obra datada de 1534, da autoria de Petrus Apianus & Bartholomaeus Amantius; e: a 1<sup>a</sup> parte, dedicada às cerimónias fúnebres de Gregos e Romanos, do tomo V, da obra, de D. Bernard de Montfaucon, intitulada *L'Antiquité Expliquée et Représentée en Figures*, impressa em Paris, no ano de 1719, «avec privilège du roy». Tanto numa como noutra hesitamos em que mais admirar: se o enorme interesse despertado pelos monumentos epigráficos no século XVI e no XVIII (respectivamente), se a perfeição com que cada um desses monumentos ali está minuciosamente desenhado. Na verdade, esses livros, verdadeiros álbuns preciosos, ilustram bem a sedução que o documento epigráfico desde sempre exerceu. Toda uma história, pois, por fazer!... (7).

Na actualidade, a pesquisa encontra-se facilitada através dos meios que a Internet nos proporciona. E talvez não seja despiciendo, nesse âmbito, esboçar um breve ensaio, apenas para, em concreto, se verificar, através de um exemplo, os percursos que uma dessas ilustrações nos pode sugerir com vista a testarmos a validade das conclusões a que poderíamos chegar.

Sirva-nos a imagem que se reproduz na Fig. 7. Trata-se de um altar ricamente decorado, de que nos são apresentadas a face dianteira e a lateral esquerda. Indica-se que é gravura tirada de Boissard, Tome V, 79. (8) Sucede, porém, que, se bem vi, nesse tomo V, a gravura que ostenta o n. 79 não é essa.

(7) Magnificamente encadernada está também a edição, datada de 1682, da obra de Th. REINESIUS, *Syntagma Inscriptionum Antiquarum...*

(8) J. J. BOISSARD, *Pars Romanae Urbis Topographiae & Antiquitatum*, de que a V pars se designa *Antiquitatum Romanarum: sive III. tomus inscriptionum & monumentorum ...*, editada em Frankfurt, 1600.

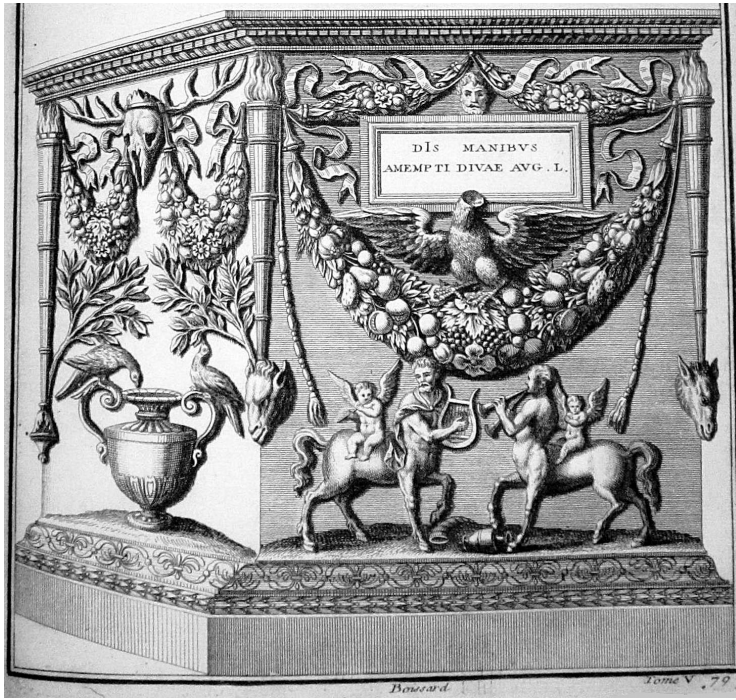


Fig. 7.

Lê-se claramente: DIS MANIBVS / AMEMPTI DIVAE AVG. L.

Trata-se da inscrição de Roma CIL VI, 11 541, está no Museu do Louvre e o seu texto completo é: *Dis Manibus / Amempti divae Aug(ustae) l(iberti) / Lalus et Corinthus l(iberti)*. Ou seja, a l. 2 foi omitida. Houve, porém, em contrapartida, o cuidado de se dar uma ideia dos baixos-relevos da face lateral esquerda, idênticos aos que existem na direita – explicita-se no LIMC – e também a face posterior foi trabalhada, resultando daí notável conjunto iconográfico (9).

E acabaria, naturalmente, por ser aliciante saber mais acerca dos estudos feitos sobre tão notável monumento. Indicam-se alguns na ficha do LIMC e outros mais certamente se farão.

Os caminhos para onde o importante recheio da biblioteca do Museu de Odrinhas nos poderia aliciar!...

(9) LIMC = *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* - <http://www.limc-france.fr/>. O monumento tem o n. 9911 e dele é feita aí minuciosa descrição.

Permita-se-me que apenas realce mais três aspectos.

Em primeiro lugar, a abundância de cupas e o facto de dispormos no museu não somente da parte da epígrafe semicircular que ficava acima do solo, mas também da caixa pétrea que se enterrava e onde seria depositada a urna cinerária (10). Assinale-se, de passagem, que a onomástica dos defuntos aí mencionados denuncia precoce adopção da antroponímia latina por parte da população, sendo notável, a título de exemplo, que numa mesma sepultura estejam *Iulia Procula*, *Licinia Tusca* e *Albanius Tuscus*, este falecido com oito anos de idade e já inscrito na tribo Galéria (que é a de *Olisipo*) (11)!

O segundo aspecto prende-se com a ligação extraordinária que sempre aqui existiu entre a população e o museu. Os responsáveis pela obra fizeram questão de o assinalar em duas placas logo no *hall* – os investigadores que estudaram epígrafes e as pessoas que as doaram. No entanto, não poderei deixar de assinalar que, na ausência de uma compreensão cabal do significado dos textos, em torno de algumas das epígrafes surgiram histórias inverosímeis, é certo, mas que bem demonstram quanto o museu sempre foi muito acarinhado. Recordaria que, por numa inscrição (*CIL* II, 267) surgir a palavra *Seneca*, depressa se criou o mito de que o próprio filósofo teria estado ali ou um dos seus familiares. Trata-se, de facto, de uma grande lápide, destinada ao frontispício de um jazigo de família e, também por esse motivo, achou-se que ali se contava trágica história de uma mãe cuja filha morta ela trouxera de longe, à cabeça, estendida naquela pedra... (12).

O terceiro aspecto prende-se com a aturada investigação que os técnicos do museu, sob orientação do Dr. José Cardim Ribeiro, estão a levar a cabo no local onde, na época romana, se prestou culto ao Sol e à Lua, diante do oceano a perder de vista. Levou anos a identificar-se esse ‘santuário’ a que amiúde os livros faziam referência. As escavações ajudaram e têm sido bastante os fragmentos de epígrafes por ali encontrados, metidos em

---

(10) Os estudos mais recentes sobre as *cupae* hispânicas estão reunidos em: J. ANDREU PINTADO (editor), *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*, Fundación Uncastillo e UNED Tudela, 2012.

(11) *Hispania Antiqua Epigraphica* 1224.

(12) Vide todos os pormenores em J. C. RIBEIRO, *A re-interpretação de monumentos epigráficos em contextos secundários e as inscrições de Sintra (Portugal): o polissémico caso da grande tabula dos Aelii (CIL II 267) [Parte 2], «Veleia», 29, 2012, pp. 279-303.*



Fig. 8.

paredes de edificações posteriores (Fig. 8). Pensa-se hoje, porém, que uma construção arquitectónica do tipo de mui sumptuoso templo quase seria desnecessária, porque o sítio, com o oceano aos pés e junto à foz de um rio, provocaria nos humanos intenso sentimento religioso, tinha o seu «Génio», que chegou a atrair legados imperiais... (13).

*Em conclusão.*

O Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas resultou,

---

(13) J. C. RIBEIRO, *Soli Aeterno Lunae. O santuário*, in J. C. RIBEIRO (coord.), *Religiões da Lusitânia - Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa 2002, pp. 235-239; J. D'ENCARNAÇÃO, *O Sol na Lusitânia romana*, «Via Latina - Ad Libitum», Coimbra, 4, Março de 2007, pp. 106-110 (acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/25292>).

pela força das circunstâncias, o local privilegiado para... «a inscrição exposta»!

Compreenderam-no, desde cedo, os responsáveis – arqueólogos e políticos; depressa o compreendeu a população que sente o museu como seu.

Por isso, a epígrafe continua a funcionar ali como algo de bem vivo, a contar histórias para os muitos visitantes que acorrem ao museu, quer para ver a exposição permanente quer as temporárias e, de modo especial, para participarem nas múltiplas iniciativas de que os seus técnicos sabem, mui inteligentemente, lançar mão para que a epígrafe não seja letra morta, mas história viva, inclusive em tempos de *halloween!*...

Na certeza de que, desta sorte, se evidencia bem a definição que, mais ou menos com estas palavras, o nosso grande Mestre Giancarlo Susini deu de Epigrafia: «A ciência que estuda o modo como, em determinado momento, o Homem seleccionou ideias para as transmitir aos vindouros»! Em Odrinhas, torna-se explícita essa selecção!

## L'ISCRIZIONE ESPOSTA

Atti  
del Convegno Borghesi 2015

## INDICE

<i>Presentazione</i> .....	p. 7
MIREILLE CORBIER, L'efficacia della scrittura esposta .....	» 9
ANTONIO SARTORI, L'iscrizione esposta: una tautologia? .....	» 25
ALFREDO VALVO, <i>In celeberrimo loco</i> .....	» 39
MARCO BUONOCORE, <i>De titulis in publicum proponendis</i> : teoria e prassi, modelli e realtà .....	» 47
SERGIO LAZZARINI, <i>Unde de plano legi possit</i> : considerazioni in tema di pubblicità epigrafica .....	» 65
MARIA FEDERICA PETRACCIA, CECILIA RICCI, <i>In triclinio domus collegi. Sentinum</i> e le scritture esposte dei collegi municipali ...	» 81
GIULIA BARATTA, L'epigrafia dipinta: <i>scriptores</i> e botteghe scritte a Pompei .....	» 97
MARC MAYER I OLIVÉ, El espectáculo epigráfico del foro de <i>Ruscino</i> : un horizonte efímero .....	» 121
ALFREDO BUONOPANE, SILVIA BRAITO, Le iscrizioni esposte nei teatri romani: aspetti e problemi. Un caso di studio: i sedili di Aquileia .....	» 147
ARMANDO REDENTOR, Da exibição de inscrições em santuários rupestres: os casos da Fonte do Ídolo e de Panóias .....	» 189
GUIDO MIGLIORATI, Alcuni ambiti di esposizione delle iscrizioni. Il caso dell'epigrafia militare oltre frontiera .....	» 221
SERENA ZOIA, Quattro funzioni del contesto epigrafico: un'indagine metodologica in <i>Baetica</i> .....	» 233



MARTA GONZÁLEZ HERRERO, La exposición pública del sentimiento a través del monumento epigráfico: el lamento por una <i>mors peregrina</i> .....	» 251
ELENA CIMAROSTI, <i>CIL</i> XI, 844 = <i>AEp</i> 1991, 1755: la più antica <i>Tabula hospitalis</i> in Italia? .....	» 265
FRANCESCA CENERINI, Quando la scrittura esposta continua sulla stessa pietra: un esempio .....	» 281
DONATO FASOLINI, La mia cara Faustina de marmo anticha. Epigrafia e antichità nella pittura .....	» 293
ANTONIO IBBA, MARIA TERESA LANERI, L'epigrafe in mostra: brevi note di un umanista spagnolo nella <i>Càller</i> del XVI secolo .....	» 307
MARIA LETIZIA CALDELLI, La seconda vita delle iscrizioni: il contesto espositivo della collezione epigrafica Campana .....	» 335
GIORGIO CRIMI, MARCO DE PAOLIS, SILVIA ORLANDI, «Compitare per via»: le iscrizioni non musealizzate di Roma .....	» 357
HEIKKI SOLIN, I miliari della via Appia esposti. Il tratto fra Tor Tre Ponti e Mesa .....	» 389
FILIPPO BOSCOLO, La collezione epigrafica dell'Accademia Galileiana di Padova .....	» 433
LORENZO CALVELLI, Iscrizioni esposte in contesti di reimpiego: l'esempio veneziano .....	» 457
MARINA VAVASSORI, La lapide di Blesio e Silvestro: nascosta o esposta? .....	» 491
MAURO REALI, Un'iscrizione urbana «esposta» sulle rive del Lario .....	» 503
GIOVANNI MENNELLA, Una nuova iscrizione rupestre di età romana dalla Valle delle Meraviglie (Alpi Marittime) .....	» 517
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, A inscrição exposta no museu arqueológico de Odrinhas (Sintra - Portugal) .....	» 525